

UMA NOITE NO CEMITERIO.

A noite ia alta. Derramava-se um luar triste que, desprendendo-se de nuvens sombrias, parecia absorver as almas para levá-las ao seio do Deus!

Os cyprostes esguios juntos a essas marmores solitarios projectavam uma sombra mysteriosa.

Via-se aqui um tumulo onde se levanta a imagem de uma virgem orando — ahi dormia Julieta, a formosa filha d'um nobre.

Todos os domingos, seu amante — o pobre Juliano, lá ia para o cemiterio; as ruas da cidade estavam quasi sempre alegres, muita gente se encontrando, e pelas janellas debruçadas essas cabeças lindas a fascinaram os seus admiradores! E elle, solteiro e já viuvo de amor, atravessava coberto de luto esse mundo de festas. Todos o olhavam indifferentes, e ninguem scismava que o mancebo de luto ia derramar flores e lagrimas sobre a sepultura de uma criatura, que tambem foi linda na terra, que tambem teve muitos admiradores, mas que de todos esses só restava um, e esse unico era elle, que caminhava triste e pensativo! O coveiro já o conhecia, e alegrava se sempre vendo — o solitario dos tumulos — como elle o chamava.

II

Nessa noite fazia exactamente um anno que elle tinha visto descer á sepultura o corpo formoso de sua bella Julieta! Acompanhado de seu amigo Angelo, vinha elle entoar uma elegia sobre esse leito frio.

Angelo era um artista do coração, suas inspirações se resentiam todas dessa melancolia vaga que domina a criação, quando é a hora do cair da tarde. Deus tinha lançado, em sua alma o sentimento do bello em todas as suas relações, e por uma fatalidade inexplicavel, esse mesmo sentimento fôra muitas vezes para elle uma taça de amargura das lagrimas, de dores inexgotaveis.

Trazia sempre no rosto uma melancolia indefinivel. E' que ninguem sabia que no seu passado havia um erro, e que esse erro fôra o osculo maldito que tinha atirado uma desgraçada á voragem do prostibulo. Quando elle chorava em silencio, essas lagrimas ignoradas — eram o arrependimento, a dor de não poder encontrar-a no mundo para entregar todos os affectos de seu peito, para pedir de joelhos um olhar... mas um olhar que lhe trouxesse o perdão! Quantas vezes elle arraucava notas suspirosas do instrumento, e uma lagrima de sangue vinha molhar-lhe as cordas! Era ainda uma lembrança do passado!

Entretanto, diziam todos — é que sua alma é a alma do poeta!

Quem sabe se se lembra de sua mãe?...

III

Angelo ferio as cordas.

As notas sagradas do instrumento de onde se desprendia em maviosas lamentações o *canto sublime do Calvario*, parecia que os mortos se levantavam com os seus sudarios empoeirados — os labios seccos da cal das catacumbas, e vinham chorar as desgraças da terra!

O som melancolico dessas harmonias, quebrando o silencio mortuario, foi despertar o coveiro.

— Malditos mortos! exclamou elle, nem ao menos debaixo da terra se accommodam! Que diabos querem elles? Haverá algum noivado? E aproximando-se, reconheceu Juliano. Oh! meu solitario... vós por aqui!

— E' verdade... vim visitar minha noiva, deixa-me só, respondeu Juliano, quasi sem se voltar.

— Se morresses, tornou o coveiro, batendo no hombro de Juliano, poderias voltar mais de perto. Olha, hoje é que se lembrou de morrer gente, e todos moços! Foi um dia de festa cá neste mundo. Elles ahi estão agora a dormir muito socegados, porém não tenhas cuidado que não se acordam; podas continuar a tocar, que isto por cá é novidade. Mas, o vosso companheiro voio visitar alguma noiva tambem? Está triste, e nem falla?

— Angelo, murmurou Juliano, por que

estás pensativo? Olha, meu amigo, mais soffro eu ainda, que tudo — é a intensidade da dor que me tem seccado as lagrimas.

— Não, Juliano!... Mas, tudo isto aqui é horrivel... saiamos quanto antes... sinto a cabeça do febre... tenho tonturas... vejo espectros surgir por diante de mim. Não vês tu alem uma sombra ajoelhada junto áquella sopultura?

— Tu soffres, Angelo, é illusão dos sentidos, não estás acostumado a esta solidão, porém... sim? agora vejo... ha ali junto áquella sepultura uma sombra! Não vês tambem? disse Juliano voltando-se para o coveiro.

— E quo vos importa isso? disse elle: o que é verdade é que aquella sepultura está bem fresca; foi exactamente onde se enterrou hoje um rapaz de vinte annos, se tanto — o desgraçado soffria da cabeça, dizem que fazia versos. Sem duvida aquella é a sombra do diabo que veio buscal-o.

IV

Tinham-se retirado todos.

Poucos momentos depois, ouvia-se o choro de alguém que se estorcía em uma agonia desesperadora.

O luar já se tinha occultado.

A figura sinistra do coveiro, levantando-se, veio certificar-se que historia era essa.

— Oh! mulher, que diabo fazes tu ahi sobre essa sepultura tão fria? disse elle tropeçando no corpo de Amorina — a pobre amante desse poeta que haviam enterrado ha poucas horas.

Deixai-me, senhor! por caridade, lançar esta grinalda de perpetuas sobre o tumulo delle, oh! deixai-me... por Deus... por vossa mãe...

— Mas quem é você? o que quer com o defunto?

— Senhor, vós comprehendes uma alma purificadora, um coração feito por Deus, vibrado sómente pelos mais santos affectos da terra, uma criatura que nos levanta do lódo para banhar-nos a frente de esperanças e reviver ascerenças abatidas, que se apagaram no porvir?

Oh! assim o era o coração delle! Amou-me como o Christo quer que se ame, deu-me uma nova alma, levantou-me da poeira, da miseria onde os osculos visquentos do libertino me haviam lançado, dentro de meu coração plantou um sentimento que até ontão eu ignorava, fez-me comprehender a pureza da alma e a profundidade dos abysmos, que se abre a nossos olhos ao penetrarmos os umbraes da prostituição, fez-me ajoelhar diante do Christo, fez-me amar a cruz! oh! elle sim, elle me amava...

— E para que se prostituiu? perguntou grosseiramente o coveiro.

— Não, eu não queria prostituir-me. Eu era pobre, muito pobre, Deus o sabe, e um nome... um desgraçado, illudindo a confiança de minha mãe...

— E quem era o homem? interrompeu o coveiro.

— Oh! seu nome?... sim!... sim seu nome era... Angelo!

E a pobre mulher, ao proferir este nome, tinha os labios seccos e entrecabertos; parecia arder em uma febre, seus olhos se animavam de um brilho assustador, estava em uma crise de lucidez!...

— E agora o que quer? replicou o coveiro — elle está morto, não lhe pôde ouvir, nem eu tão pouco. Boa noite!...

V

Uma noite entravam no comiterio os dous amigos.

Nem sequer uma estrella se via no céo, tudo era sombras.

Uma pequena casa de taboas, onde vivia o coveiro, deixava entrever uma luz.

O lugar em que se achavam, essa luz a tremer por entre as frestas, e o vento humido da noite passando pelos cyprestes, a imensa escuridão, tudo isso dava um aspecto lugubre e tornava mais solemne a presença desses dous homens.

Juliano, que amava profundamente, e de dia para dia se augmentava essa paixão só pelo ideal funebre de sua amante, neste momento sentia seus joelhos tremerem... tinha medo. Aproximando-se bem junto de Angelo, dizia: mas, isto não é um sacrilegio? E quando procurarem pelo seu craneo?

Sim, Juliano, tens razão; — essa idéa é

horrivel. Um craneo é um pensamento de destruição e de miseria, deixa-o esquecido entre os túmulos. Nelle não encontrarás mais aquelles labios doçorosos, aquelles faces puras e avalludadas, e seus olhos tão bellus, que te infiltraram a vertigem na alma!...

Oh! não, Angelo, eu hei de beijar aquelle craneo sagrado, quero que elle seja o meu idolo na terra, — o maso precioso onde outr'ora sorria a flor mimosa dos meus sonhos de mancebo!... Quero aquece-lo bem junto de meu coração! admira-lo, confrontando a contingencia de minha existencia com a grandeza e sublimidade do amor que sinto na alma por ella!... esse amor que só Deus poderá abençoar!

Deus, sim! que consentio que o nosso hymeneu se realisasse na terra!

— Vejamos o coveiro, disse elle resolutamente.

Ambos seguiram. Juliano deu tres pancadas, a porta abriu-se.

O rosto cabelludo do coveiro, dilatando se em um sorriso tão frio como o da morte, veio contrastar com aquellas duas cabeças artisticas.

— Já não o esperava, meu amigo: e acrescentou: — a sua encomenda está prompta, houve alguma difficuldade, mas isto não quer dizer nada. E foi a um dos cantos da casa, onde se viam algumas garrafas, um caixão de cal, e alguns instrumentos de lavoura, e trouxe um embrulho que entregou a Juliano.

Neste momento, Angelo estremeceu, voltou-se, dizendo, oh! vocês não ouvem uns suspiros lá fóra? Parece que alguém morre!

— Sim, exclamou Juliano, prestando uma viva attenção.

O mancebo neste momento tremia... hesitava segurar o craneo que tinha nas mãos.

Vejamos quem morre, disse elle, dirigindo-se para o coveiro. Quem sabe se de nós depende sua salvação?...

Sahiram: o coveiro ia na frente.

Foram atravessando um caminho coberto de cruces e se dirigiram para o lado donde partiam os gemidos.

A' luz da lanterna, que o coveiro trazia, viram uma mulher de luto debruçada sobre uma sepultura. Seus cabellos humidos de orvalho cahiam espalhados pelas castas. — Era o anjo do soffrimento orando pelos mortos!

Ella parecia pedir vida para esse cadaver que dormia o somno dos esquecidos na terra! Levantou seu rosto pallido e desfigurado, onde se viam seus olhos afogados em lagrimas, e encontrando-se com a physionomia de Angelo, deu um grito de desespero, que foi repercutido pelos tumulos. Quiz levantar-se; cahiu desfallecida.

— Era justamente Amorina — essa pobre mulher que Angelo tinha prostituido, e que elle nunca mais esperava encontra-la; correu-lhe uma friagem pelo corpo, tornou-se livido, ajoelhou-se diante do corpo dessa desgraçada e pediu perdão.

— Ella estava morta!...

— Angelo mesmo cavou-lhe a sepultura!...

JOÃO ANTONIO DE BARROS JUNIOR.